



SILVA, Newton Pinto da. *Desdobramentos da cena: performance e ação política*. Porto Alegre: PPGAC/UFRGS; Jornalista e mestre em Artes Cênicas.

## RESUMO

O artigo *Desdobramentos da cena: performance e ação política* aborda o espetáculo *Viúvas – Performance sobre a ausência*, da Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz, e faz um mapeamento dos ecos e ressonâncias desta montagem na intervenção de rua *Onde? Ação nº 2*, realizada pelo mesmo grupo. Ambas as performances tratam das feridas ainda abertas pela ditadura militar brasileira, em especial, da questão dos desaparecidos políticos. Estabelece-se correspondências estéticas entre as duas montagens, demonstrando o prolongamento no espaço e no tempo da primeira por meio da segunda performance.

**Palavras-chave:** Performance. Ação Política.

## RÉSUMÉ

L'article *Déploiements de la scène: performance et action politique* aborde le spectacle *Veuves - Performance sur l'absence*, de la Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz, et il fait une cartographie des échos et des resonances de cette montage à la rue *Où ?, Action 2*, réalisée par le même groupe. Les deux performances abordent les blessures encore ouvertes par la dictature militaire brésilienne, en spécial, la question des disparus politiques. On fait de correspondances esthétiques entre les deux montages, et on établit la prolongation dans l'espace et dans le temps de la première performance par le biais de la deuxième.

**Mots clés:** Performance. Action politique.

A história brasileira pós-ditadura, diferente do que ocorre em outros países da América Latina, tem como característica a construção do esquecimento. É o que explica Caroline Silveira Bauer (2012) no livro *Brasil e Argentina: Ditaduras, desaparecimentos e políticas de memória*, pesquisa que resulta de sua tese de doutorado defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Na obra, a historiadora investiga os aparatos de repressão e as práticas para o “desaparecimento” de militantes de esquerda pelas ditaduras militares e analisa os processos de transição política para a democracia nos dois países. De acordo com a autora, enquanto na Argentina houve um processo de ruptura com o passado ditatorial, em 1983, e a implantação da Justiça para investigar o que ocorreu, com defesa da liberdade de memória; a anistia brasileira, implantada em 1978, garantiu o perdão penal com base na ideia de reconciliação e esquecimento dos fatos. E, como consequência, a sociedade brasileira, hoje, tem dívidas com o passado mal resolvido da ditadura.

A discussão da memória deste passado tem sido tema da investigação cênica da Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz, grupo fundado na Capital do Rio Grande do Sul

em 31 de março de 1978. Neste artigo, foca-se a atenção, especialmente, em dois trabalhos recentes do coletivo gaúcho: *Viúvas – Performance sobre a ausência*, pesquisa ritual apresentada, em 2011, na Ilha das Pedras Brancas, conhecida como Ilha do Presídio, no Lago do Guaíba, na Região Metropolitana de Porto Alegre; e a intervenção cênica de rua *Onde? Ação nº 2*, que teve sua estreia em 31 de março de 2011, quando o grupo completou 33 anos de trajetória. Inconformidade e crítica do passado no presente são a tônica das duas performances. A história do país é revisitada, em ambos os casos, como forma de contribuir para a discussão sobre os desaparecidos políticos do Brasil e da abertura dos arquivos da ditadura.

### **O teatro para romper o silêncio**

O fazer teatral do Ói Nós Aqui Traveiz não está descolado de um posicionamento ético-estético de seus integrantes. Desde o início da trajetória de pesquisa cênica, o grupo divide suas inquietações e questionamentos do momento político por meio de intervenções cênicas, performances e espetáculos que ocupam seu espaço/território de experimentação teatral ou as ruas. A proposta era investigar uma ação teatral que funcionasse como uma “lente de aumento” da ação social. Na época, o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, com o retorno das grandes manifestações de rua, os integrantes da Tribo de Atuadores se juntaram à sociedade civil organizada (sindicatos, estudantes universitários, etc) em passeatas e manifestações públicas como forma de protestar e garantir o processo de retorno de um estado democrático. É também neste período que o grupo percebe a necessidade ampliar a noção de ator para o conceito de “atuador”, que seria a fusão entre artista e ativista político (ALENCAR, 1997).

Fiel a sua trajetória de reflexão sobre o homem e a sociedade, o Ói Nós vem revisitando, em seus mais recentes trabalhos, a memória coletiva das feridas ainda abertas pelo regime militar. No espetáculo de rua *O amargo santo da purificação*, de 2008, a dramaturgia foi criada a partir de poemas do baiano Carlos Marighella, líder revolucionário que deu início à luta armada contra a ditadura brasileira. Nesta encenação, o golpe de 1964 mostra-se poderoso e tirano, com o consequente assassinato de Marighella pelas forças da repressão.

O comprometimento com a crítica social e política está presente também na alegoria *Viúvas – Performance sobre a ausência*. A partir de fragmentos da peça *Viúvas*, texto do chileno Ariel Dorfmann (de quem o grupo já havia montado *A morte e a donzela*, em 1997) é apresentada a história de um povoado do interior da América Latina onde todos os homens estão desaparecidos. Depois de uma terrível repressão, é o momento do processo de redemocratização imposto pelos militares, forçando a população a esquecer o passado. Uma das mulheres, Sofia, interpretada por Tânia Farias, perdeu o pai, o marido e seus dois filhos, todos desaparecidos. Sofia se rebela, para de trabalhar, senta na margem do rio e espera os seus mortos. Sua atitude desencadeará a rebelião das mulheres do povoado, desafiando as forças da repressão.

A montagem foi realizada na Ilha das Pedras Brancas, conhecida como Ilha do Presídio, que tem um caráter simbólico para a história recente no Rio Grande do Sul. A ilha, que serviu de presídio para presos políticos durante a ditadura militar, está hoje em ruínas e se encontra em um processo de quase abandono. Os espectadores (48 por sessão) são levados de barco até local. Depois do desembarque, o público se desloca

pela ilha para acompanhar o acontecimento cênico nos vários lugares nos quais se desenrola a ação. que ocorre em vários pontos O caráter presencial da performance, em que o espectador tem liberdade de se locomover a cada cena, de buscar o seu ângulo de visão, de ficar perto do ator, torna cada espetáculo um momento único e singular. E cada noite é singular porque existe uma troca com o público, que traz suas referências e suas memórias: o espectador não está isolado. E divide seu espaço com os outros espectadores. Está frente a frente com o outro e em relação com o outro. E esta relação não tem como ser ensaiada, ou seja, reforça o caráter de performance como algo único. Além disso, pelo fato do espectador estar inserido em um cenário real, ou seja, a cenografia é real – a Ilha do Presídio – tudo está carregado de memória: os vestígios do cárcere, do isolamento dos presos, da crueldade e do horror.

Ecos e ressonâncias desta encenação podem ser encontrados na performance *Onde? Ação nº 2*, que teve sua estreia na Esquina Democrática, que fica no Centro de Porto Alegre, no cruzamento da Avenida Borges de Medeiros com a Rua dos Andradas<sup>i</sup>. Este local também está carregado de memórias porque é um conhecido espaço de manifestações públicas da sociedade gaúcha. A performance começa com um grupo de homens vestidos de pretos, portando armas de fogo, que evoluem pelas ruas em uma demonstração de poder e violência. Enquanto caminham, eles arrastam o corpo de um homem pela cidade. Depois, surgem várias mulheres carregando cadeiras vazias e que entoam uma canção sobre seus entes desaparecidos. Elas param e começam a gritar o nome dos 136 desaparecidos políticos por responsabilidade do Estado Brasileiro<sup>ii</sup>, reconhecidos por meio da lei 9.140<sup>iii</sup>. Somente ao final, depois de toda a performance, é que o grupo esclarece do que se trata, distribuindo textos explicativos sobre o teor da manifestação<sup>iv</sup>.

Considero esta manifestação, *a Ação nº 2*, como um desdobramento do espetáculo *Viúvas – Performance sobre a ausência*, já que se utiliza de cenas daquela montagem em outro contexto, retiradas do roteiro dramaturgic original. Este fato, no entanto, não desvincula tais cenas da proposta original de discutir as fraturas da sociedade brasileira. Entendo, sim, que a referida performance-ação-política potencializa a discussão sobre a história recente do país, nos ecos de um passado que não pode e não deve ser esquecido. Além disso, as correspondências estéticas de ambas as encenações me fazem pensar em um prolongamento no espaço e no tempo, da primeira, *Viúvas*, na segunda, *a Ação nº 2*.

Para finalizar, aproximo a recente investigação do Ói Nóis no contexto cênico latino-americano definido pela pesquisadora mexicana Ileana Diéguez Caballero (2011) como teatralidades emergentes dos cenários sociais. São práticas simbólicas de resistência (estratégias intervencionistas ou performáticas) que apostam na ação efêmera para produzir a reflexão crítica, atuando em um espaço estético fronteiriço que desvela estruturas e aponta as conexões possíveis entre o ético, a arte e político.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Sandra. **Atuadores da Paixão**. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre/FUMPROARTE, 1997.

BAUER, Caroline Silveira. **Brasil e Argentina: Ditaduras, desaparecimentos e políticas de memória**. Porto Alegre: Medianiz; 2012.

CABALLERO, Ileana Diéguez. **Cenários Liminares: teatralidades, performances e política**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

O AMARGO Santo da Purificação (DVD-RT). Produção: Ói Nós na memória. Porto Alegre, 89 minutos, 2011.

PROGRAMA Estação Cultura: Especial Viúvas – Performance sobre a ausência (DVD-RT). Edição e direção: Newton Pinto da Silva e Vera Vergo. Produção: TVE/RS, Porto Alegre, 2011.

VIÚVAS – Performance sobre a ausência (DVD-RT). Produção: Ói Nós na memória. Porto Alegre, 72 minutos, 2012.

